As narrativas impulsionadoras de significados[1]

Eliana Aparecida Francisco[2]

Resumo

o presente artigo visa compartilhar algumas reflexões da pesquisa de doutorado, "As narrativas populares na construção da cartografia do Jd. Irene, zona sul de São Paulo." Em busca de narrativas que nos apresentassem uma forma de ser de um lugar, chamado Jardim Irene, localizado na periferia da zona sul de São Paulo, encontramos significados de um *fazer coletivo*, materializado em palavras, que descortinou aos nossos olhos a trajetória de construção de um bairro e de um *lócus* que, a partir de uma territorialidade pautada na convivência e na afetividade, impulsionou vivências que, ao logo do tempo, ganharam um caráter de pertencimento e identidade.

Palavra-chaves: narrativa, memória, fazer coletivo.

O trilhar do caminho da pesquisa: um olhar de fora para dentro.

[...] importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos,
mas também um processo ativo de criação de significações.
(Alessandro Portelli)[3]

Para a apreensão dos significados do viver, nos pautamos nas narrativas de seus moradores, compreendendo que narrar é construir um enredo do "*como*

[1] Texto elaborado a partir da tese de doutorado que teve por título "A Cartografia Territorial do Jardim Irene a Partir da Políticas Sociais, defendida em agosto de 2019 na PUC/SP.

[2] Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

[3] Professor de Literatura Americana na Universidade Sapienza, em Roma.

se": como se fosse aquele momento, aquele lugar, aquelas pessoas, aquele tempo... Esse movimento do narrar, Paul Ricoeur (1994), nos ensina em *Tempo e Narrativa*. Assim, ao ouvir a história do bairro, acessamos a memória individual e a coletiva, suas identidades e alteridades, que, ao mesmo tempo, dialogam entre presente, passado e futuro, a partir das percepções que cada um foi construindo em suas trajetórias de vida neste lugar.

A partir da memória coletiva (HALBWACHS, 1990) dos moradores do bairro, é que fomos estabelecendo os marcos significativos da história local e suas marcas na cartografia de seu território. No entendimento de que essas narrativas trazem os impactos acumulados ao longo do tempo, da interação dessas pessoas com a sociedade e suas instituições sociais. Como, também, são as reflexões das preocupações com as questões do presente, que estão submersas no cotidiano do bairro, e que emergem à medida que se revisita o passado, em uma perspectiva de construção de um futuro.

> Estas possibilidades de apropriação do passado pela via do presente apontam para uma questão ainda maior: a construção de futuros possíveis. Assim, é no presente
>
> que a construção do passado é disputada como percurso para a construção de um futuro que responda às aspirações deste presente. (ENNE; NERCOLINI, 2016, p. 5).

As narrativas, construídas com os pés no presente, vão tecendo relações, como nos indica Michel Pollak (1992), que se constituem em identidades individuais e coletivas, pois os moradores, ao contarem as suas histórias sobre o lugar vivido, a partir das vivências, desvendam a territorialidade que estabelece um sentimento de pertencimento.

Para POLLAK (1992, p. 204), é possível realizar um "enquadramento da memória" e, para isso, é necessário escolher o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, pois "as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória". E que o tema identidade está diretamente relacionado à construção da memória, assim, é preciso considerar três elementos fundamentais: a unidade física (a ideia de lugar); a continuidade dentro do tempo (nos sentidos físico, moral e psicológico), como, também, "o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificado".

Abordar essas questões nos remete a apreender o jeito de ser dos diversos territórios de uma dada localidade, a partir das narrativas que por meio da memória expressam a forma de ser do espaço e seus significados. Assim, "vidas individuais e história, é uma relação que tem a configuração de um mosaico, onde cada peça tem o seu significado, pois ali se articulam acontecimentos passados, lembranças narradas e vidas presentes" (MARTINELLI, 2014, p. 8).

Nesse sentido, Gilberto Velho (1994, p. 101), pautado no pensamento de Alfred Schütz[4], nos apresenta a noção de projeto para o entendimento do papel da memória e identidade, definindo esta como uma "conduta organizada para atingir finalidades específicas", assim

> [...] se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos.

Assim, é necessário olhar para a construção da identidade para além de uma forma simplista que orbita na chave "individual e coletivo". De outra sorte, entendemos que podemos pensar na identidade como uma forma de negociação entre indivíduo e sociedade, ou seja, um processo contínuo e não estático, orgânico, de múltiplas identidades, movendo-se de maneira fluida em constante interação desses agentes.

Ainda refletindo sobre essas questões, destacamos o comentário de Paula Monteiro[5], no lançamento do livro *Projeto e Metamorfose*, de Gilberto Velho, à *Folha de S. Paulo*, de 3 de julho de 1994:

> O autor se pergunta como a unidade que o indivíduo representa é capaz de permanecer idêntica a si mesma numa sociedade que a obriga, e valoriza, mudanças permanentes. Para pôr em uma equação esse aparente paradoxo - que associa num mesmo *lócus* duas forças sociais contraditórias, o projeto e a identidade [...] lança mão da metáfora da metamorfose. [...] seria o processo social pelo qual, através da movência contínua entre códigos, o indivíduo se reconstrói de maneira permanente [...] enfatiza a importância da abordagem histórica na compreensão das alternativas que uma sociedade constrói para si. Sem ela, torna-se impossível saber entre que e o que as pessoas escolhem ou transitam numa sociedade específica, qual sua margem de manobra e iniciativa. Fica-se deste modo reduzido à conhecida teoria dos papéis sociais para a qual os indivíduos são atores cujo comportamento está definido de antemão pelo script social das instituições a que pertencem. (MONTEIRO, 1994)

[4] Alfred Schütz (1899-1959), filósofo e sociólogo, dedicou-se aos estudos da fenomenologia, à metodologia das ciências sociais e às filosofias de Edmundo Husserl, William James, dentre outros.

[55] Paula Monteiro é professora de antropologia na USP, tendo como linha de pesquisa: Antropologia Urbana, Religiosidade Popular e Instituição Religiosa.

Olhando as narrativas do bairro por esse prisma, vamos percebendo a passagem do tempo e, simultaneamente, conhecendo os marcos estabelecidos pelos moradores que nos apresentam uma identidade local, que permeia as relações e são compartilhadas no dia a dia do "fazer" do bairro.

Assim, é importante perceber que o conceito de identidade pressupõe pensar em alteridade, pois na relação *eu* e o *outro*, na sua interação, é que faz sentido o processo de construção da identidade. É na relação dialógica e de interdependência (SILVA, 2000) com a diferença que a identidade se constrói. Dessa forma, é necessário vê-la no processo de diferenciação, ou seja, problematizar o contexto da relação "nós" e os "outros", entre o considerado "normal" e o "desviante", e não simplesmente naturalizar a relação entre identidade e diferença.

Percebemos, então, que as identidades são culturalmente formadas; são construções discursivas e dialógicas, como afirma Stuart Hall, tornando-se o resultado de um processo que permite que nos "posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles)". (HALL, 1997, p. 27).

Nesse sentido, entende-se que, tanto a memória, como a construção das identidades, é uma disputa pela posse da palavra, ou seja, pela narrativa e pelo discurso. Pierre Bourdieu (1989) diz que é a partir dos discursos performativos que são criadas as espacialidades, em que se nomeia os espaços e delimita as fronteiras, a partir do poder do enunciador e de sua autoridade discursiva. Também nos fala que é impossível separar a representação do real do próprio real (BOURDIEU, 2007), e ser necessário compreendermos a dimensão social do espaço em conformidade com sua dimensão física, mediante o entendimento de que a forma como os sujeitos ocupam e significam os seus territórios são demarcados pelos atributos de capital que lhes são assegurados.

Desta forma, percebemos que é no processo inter-relacional que as identidades são construídas, como também a forma múltipla dos diferentes espaços vividos. Assim, a noção de território e sua interface com a esfera de poder, é central para o pensamento de Bourdieu (1989), pois se trata de uma forma de domínio no processo cotidiano de construção do território.

Mediante essa perspectiva, ao descrever a história do bairro Jardim Irene, a partir das narrativas de seus moradores, dialogamos com um conceito de território que, para HAESBAERT e LIMONAD (2007, p. 42), "território não deve ser confundido com a simples materialidade do espaço socialmente construído, nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade", por que o território "é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político-econômico) de um espaço socialmente partilhado".

Assim, é no dia a dia que entendemos ser possível compreender que a "sociedade global vive apenas por intermédio das sociedades localmente

enraizadas", como afirma Milton Santos (2000, p. 122), e desta forma, percebemos que temos para além do território, a noção de que:

> [...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está "intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar". (SACK *apud* HAESBAERT, 2004, p. 3, grifos do original).

Assim, é possível pensar a relação entre territorialidade e a forma de apropriação do espaço, que se dá pela configuração dos diferentes lugares, dentro de uma mesma localidade, permeado pelo sentido cultural de ocupação desse espaço vivido, que, para Di Méo (1996), é o espaço ilimitado representado pelo imaginário, ou seja, pela representação mental construídas pelos sujeitos. E enquanto o espaço de vida é aquele em que se desenvolvem as práticas cotidianas do sujeito.

Desse modo, Guy Di Méo (1998, p. 41) dialoga com a relação entre lugar e território:

> Entre lugar e território, a diferença se apresenta mais frequentemente quanto à escala e à compreensão geográfica. O território geralmente abstraído, idealizado, vivido e sentido mais que visualmente referenciado e circunscrito (quando não se trata de essência estritamente política), engloba os lugares que se singularizam, em sua diferença, por seu valor de uso, por seu alcance real.

Olhando por esse prisma, na construção social da categoria de lugar, para Asa Briggs (1985, p. 87), o espaço se distingue de lugar, à medida que o "espaço é transformado em lugar quando ele adquire definição e significado". Nesse sentido, lugar não é uma categoria estática, e sim o resultado da experiência sobre o espaço, pois, segundo Briggs (1985, p. 90) "cidades são coleções de lugares tanto quanto lugares em si". Trata-se do resultado de interpretações diversas sobre a experiência do viver, em diferentes lugares, em diferentes contextos e inter-relações repletas de sentidos.

E assim, com as concepções desses autores, buscamos compreender a história local do bairro Jardim Irene, a partir das falas dos seus moradores. Para isso, nomeamos essas narrativas como marcos de tempo: ***1ª geração*** (primeiros moradores a chegarem ao bairro, por volta de 1963; ***2ª geração*** (são filhos dos primeiros moradores do bairro) e ***3ª geração*** (os netos dos primeiros moradores do bairro). Desta maneira, realizamos um mergulho na história deste lugar, a partir dos Marcos de Narrativas, içadas dos significados dados à experiência de vida compartilhada localmente.

Um olhar de dentro para fora: a vida em mutirão.

Naquele tempo lá, a gente fazia mutirão!

(Morador do bairro – 1ª geração)

Olhar para a trajetória do bairro Jardim Irene é ir em busca de histórias narradas por seus moradores, situando esse lugar dentro de um território chamado Capão Redondo, num diálogo constante com a dinâmica social da região, suas lutas por conquistas sociais e seu movimento de resistência à falta de infraestrutura e de políticas públicas.

As narrativas nos convidam a pensar e a vivenciar o movimento da vida cotidiana de um bairro nascido no final dos anos 60, feito de migrantes vindos do interior de São Paulo, Minas Gerais e vários estados do Nordeste brasileiro, como Bahia, Paraíba e Pernambuco, que compõem, com os significados de suas falas, o enredo do que representa viver nesse pedaço da cidade, região periférica da zona sul de São Paulo.

Uma região, na divisa com os municípios de Embu das Artes e Itapecerica da Serra, que, no início do século XX, era formada por área rural composta de sítios, chácaras e olarias. Com presença acentuada de imigrantes japoneses e portugueses. E com experiências comunitárias de plantação e colheita de verduras e frutas.

> Nesta região afastada do centro, havia apenas caminhos de terra e atalhos que serviam de ruas para o vai e vem dos moradores. Uma geografia marcada pelas subidas íngremes, cercada por campo e mata densa, que caracterizavam também a beleza da região, onde transitavam as carroças, as charretes e muita gente a pé. De noite, além da luz do céu que iluminava os caminhos, a luz miúda do lampião colocado na lateral das carroças era avistada de longe pelos moradores e trabalhadores que não conseguiam voltar para suas casas antes de anoitecer. (IGLESIAS *et al*., 2016, p. 24).

Uma dinâmica interiorana marcava o compasso da vida da região de Capão Redondo e Campo Limpo, nesse período, num mesmo contexto em que a cidade de São Paulo crescia como um dos destinos principais do fluxo migratório do país. Aqui, nesse pedaço da cidade, não havia energia elétrica, transporte, rede de esgoto e nem água encanada, um dos motivos para entender o significado desta fala: "[...], *a gente fazia mutirão!"* Essa falta de infraestrutura é um dos motivos iniciais para a articulação de ações coletivas em busca de melhorias.

> *No meio e final da década de 60, 70, que a questão política era bastante forte. Eu falo, todas as discussões de melhoria do bairro, associação de moradores, isso era algo bem forte, naquele período. Eu acho que isso*

> *influenciou muito no bairro que temos hoje. Bom ou ruim, a própria forma como está teve aí uma contribuição muito grande desse processo. Acho que isso talvez tenha sido aí um dos mais fortes marcos*. (Moradora do bairro – 2ª geração).

Assim, quando realizamos uma leitura desse território, a questão política emerge, como *"[...] um dos mais fortes marcos"*, visto não só como marca de uma ação coletiva, mas também como influenciador da forma de ser do bairro. Para Milton Santos (2014), em seu livro *Da Totalidade ao Lugar*, dentro da leitura de um dado território, o lugar é uma expressão do espaço, e não só do tempo histórico, sendo impossível, assim, imaginar que a sociedade possa realizar-se sem o espaço ou fora dele, ou seja, a sociedade evolui no tempo e espaço.

> O tempo que trabalha para que as coisas evoluam é o tempo presente; o palimpsesto[6] formado pela paisagem é a acumulação de tempos passados, mortos para a ação, cujo movimento é dado pelo tempo vivo atual, o tempo social. O espaço é o resultado dessa associação que desfaz e renova-se continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (SANTOS, 2014, p. 63).

Olhando para esse tempo social, temos um diálogo constante com *o ontem* e *o hoje*, assim, destacamos que, nesse período, o Brasil vivenciava a renúncia de Jânio Quadros e a posse de João Goulart na Presidência da República, em 1961, quando declama o seguinte discurso:

> [...] Promoveremos a paz interna, paz com dignidade, paz que resulte da segurança das instituições, da garantia dos direitos democráticos, do respeito permanente à vontade do povo e à inviolabilidade da soberania nacional. Srs. Congressistas, reclamamos a união do povo brasileiro e por ela lutaremos com toda a energia, para, sob inspiração da lei e dos direitos democráticos, mobilizar todo o país para a luta interna em que nos devemos empenhar, que é a luta pela nossa emancipação econômica, contra o pauperismo e o subdesenvolvimento [...] Sob meu governo, todas as liberdades públicas estarão desde logo asseguradas, com a suspensão de quaisquer medidas administrativas impostas contra as garantias estabelecidas na Constituição da República.[7]

[6] Palimpsesto: pergaminho cujo texto foi escrito em cima de outro que foi raspado (HOUAISS, 2004, p. 544).

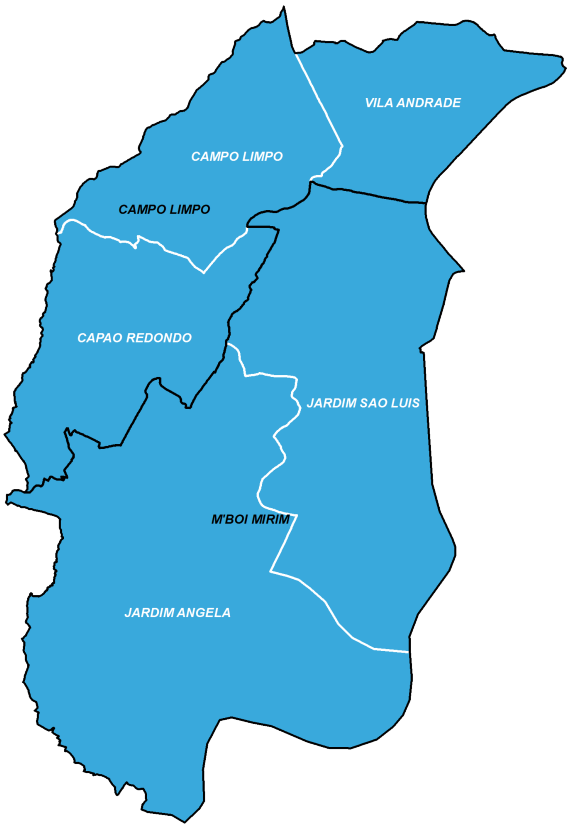
[7] Discurso de posse de João Goulart na Presidência da República no regime parlamentarista, em 7 de setembro de 1961. (ANDRADE, Auro Moura. **Um congresso contra o arbítrio**: diários e memórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985).

Nesse período, o país experimenta uma fase governamental marcada pelo nacionalismo, pela denúncia e renúncia aos modelos importados, por propostas de reformas de base, pela valorização da cultura nacional, forte sentimento e consciência de sua condição de país de Terceiro Mundo. Assim, há uma ênfase no social, em que a educação é vista como elemento fundamental para a proposta de desenvolvimento em curso, desponta-se, então, o método de alfabetização popular de Paulo Freire, como uma das estratégias para a implementação do Plano Nacional de Alfabetização.

> Certa vez, na primeira aula de alfabetização a um grupo de trabalhadores, Paulo vivenciou um episódio que o marcou profundamente e sedimentou sua confiança no método dialógico. Como é sabido, ele partia de palavras que estabeleciam correspondência direta com o vivido por estes alunos. Neste dia, a palavra escolhida foi TIJOLO. Paulo conjugou no quadro negro todas as sílabas, da seguinte maneira: Chamou um dos alunos e pediu que ele formasse uma frase com a junção daquelas sílabas. Qual não foi sua surpresa quando aquele aluno adulto e trabalhador formou a seguinte frase: TU JÁ LÊ. (PASSETTI, 1998, p. 50, grifos do original).

Essa forma dialógica de educar ecoa nas ações comunitárias da região de Capão Redondo, Campo Limpo, Vila Andrade, São Luís e Jardim Ângela, que, nesse período, pertenciam à Administração Regional de Campo Limpo (mapa. 2).

Mapa 1 – Mapa da região de Campo Limpo



Fonte: Núcleo do Verde e Meio Ambiente – Sul 1[8]

Desenvolve-se, assim, uma articulação regional pautada em movimentos sociais ligados às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), com uma interface entre a metodologia de Paulo Freire e a Teologia da Libertação.

> Sem o pobre e o oprimido não há Teologia da Libertação. Toda opressão clama por uma libertação. Por isso, onde há opressão concreta e real que toca a pele e faz sofrer o corpo e o espírito, aí tem sentido lutar pela libertação. Por isso a marca registrada da Teologia da Libertação é agora e será até o juízo final: a opção pelos pobres contra sua pobreza e a favor de sua vida e liberdade (...) interpreta o pobre como aquele que tem força histórica para mudar o sistema de dominação por um outro mais igualitário, participativo e justo, onde o amor não seja tão difícil. Esta estratégia é libertária. Faz do pobre sujeito de sua libertação. A Teologia da Libertação, na esteira de Paulo Freire, assumiu e ajudou a formular esta estratégia. É uma solução adequada à superação da pobreza. Esse é o sentido de pobre da Teologia da Libertação. (BOFF, 2011, p. 1).

Nesse sentindo, é na ação pastoral que se evangeliza e politiza ao mesmo tempo.

> "Que o povo veja com os próprios olhos, pense com a própria cabeça, fale com a própria boca, ande com os próprios pés." É uma definição da CEB formulada por um membro de Pernambuco, definição bastante genérica e aplicável a várias outras organizações populares, mas definição existencial e, sobretudo, significativa de uma orientação ideal: a perspectiva de autonomia, de participação, de responsabilidade do povo, de libertação. (PERANI, 2009, p.65, grifos do original).

Nessa perspectiva, pauta-se a forma de organização das ações de educação popular que se desenvolvem na região de Campo Limpo e M´Boi Mirim, por meio dos trabalhos pastorais realizados nas CEBs.

> Nós formamos um grupo pra dar catequese, e esse grupo a gente preparava, um grupo grande, tinha umas 14 mulheres, e a gente preparava uma catequese totalmente renovada. Totalmente a partir da vida. Que era a Teologia da Libertação, sem a gente saber. Mas líamos tudo quanto era teólogos que eram boicotados pela Igreja tradicional. A gente buscava uma... Igreja renovada. Teilhard de Chardin[9]... líamos e estudávamos muito. E era muito bonita nossa catequese, tanto é que nos...

[8] Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/MAPA_SUL1a.png

[9] Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês. Uma de suas obras é *O Fenômeno Humano*.

> nos expulsaram. Os padres nos expulsaram dessa teologia maravilhosa, nós tínhamos núcleos em todo lugar! Bairro do Taboão, Ferreira, Campo Limpo... – Neide[10]. (PUDENZI, 2013, p. 87).

Há uma militância que transcende o engajamento nas ações de evangelização; em que a reflexão *fé* e *vida* fez nascer fortes lideranças na região.

> [...] Foi naqueles anos, o berço de fortes lutas e reivindicações por água, luz, esgoto, escolas, creches, moradias, transporte e do grande movimento contra a carestia, que mobilizou mais de um milhão de assinaturas levadas até Brasília, em 1978. Ainda nesse ano, elegemos os primeiros candidatos populares: o deputado federal Aurélio Peres e a deputada estadual Irma Passoni. Nesse período, as regiões do M'Boi Mirim e do Campo Limpo se constituíram em verdadeiro celeiro, por exemplo, da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, onde despontaram nomes como o de Santo Dias da Silva – morto pela polícia militar na porta de uma fábrica da região, durante uma greve, em 1979. Santo também era militante da Pastoral Operária, uma das inúmeras organizações de base da Igreja Católica Progressista enraizada na área. (CROWE *et. al*., 2016, p.7).

Nesse contexto territorial de luta por conquistas sociais vão se moldando os bairros das periferias das grandes cidades, e, mais especificamente, na região de Campo Limpo e M'Boi Mirim, mesmo num cenário tão adverso, período da ditadura militar, em que há um cenário da macropolítica de repressão, mantêm-se e intensificam-se iniciativas populares de resistência e protagonismo no âmbito dos direitos sociais e políticos.

E no bairro Jardim Irene, nesse período, os seus moradores buscam organizar seu cotidiano de vida e sobrevivência; assim, o bairro torna-se "o espaço de uma relação com o outro como ser social" (CERTEAU *et. al*., 2012, p. 43). O ato de morar nesse lugar torna-se o mobilizador de uma convivência que convoca um olhar para além do espaço privado, desta forma há uma potencialização do espaço público, fomentador de uma cultural local.

> *Naquele tempo lá, a pessoa ia fazer uma casa, era só chamar o pessoal, logo estava fervendo de gente. O pessoal ajudava muito naquele tempo! Porque um precisava do outro. Você entendeu?*
>
> *A pessoa às vezes não tinha condições de pagar. Falava assim: Você vai lá em casa me ajudar que depois vou na sua te ajudar! E assim ia indo. Trocava serviço, né!* (Morador do bairro – 1ª geração).

Assim, constroem-se relações no cotidiano do bairro que vai para além da troca de serviços, que se manifestam numa forma de engajamento social em que

[10] Neide Abati é uma importante liderança da região de Campo Limpo e Capão Redondo. Uma das fundadoras da União Popular de Mulheres.

o público e o privado se interlaçam estabelecendo uma forma de convivência entre seus pares.

> *Essa coisa do mutirão era muito presente nesse sentido. Então não era só a construção da igreja, mas de ajudar na casa. Ajudar a levantar a casa de não sei quem, então juntava os amigos no final de semana, fazia-se isso! A mulher tinha um filho, então, os vizinhos se revezavam e uma ia lá, lavava a roupa, outra passava, enfim, isso era muito comum*. (Moradora do bairro - 2ª geração).

É fomentada então, uma prática social e cultural localmente, em que as pessoas vão exercitando, na convivência cotidiana, um comportamento cidadão que fomenta uma tradição de *ajuda mútua*, que incide nas trajetórias individuais e coletivas.

> Assinatura que atesta uma origem, o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública. (CERTEAU *et. al*., 2012, p. 44).

Através das narrativas dos moradores do bairro foi possível compreender como as pessoas exercitavam um comportamento cidadão, por meio de práticas cotidianas de um "fazer", como no processo de construção da igreja católica do bairro.

> *Na verdade, tudo girou um pouco em torno da igreja, falo igreja enquanto prédio. Igreja católica, que começou no quintal da casa da Dona Cida e do Seu Antenor, as primeiras missas foram celebradas lá. Depois foi feita a doação do terreno e às vezes eram celebradas ali no terreno também, em alguns momentos. A igreja foi construída em mutirão, [...] quase poderia considerar um lazer isso, porque os homens todos se reuniam no final de semana para levantar o espaço da igreja. A igreja foi construída em mutirão!* (Moradora do bairro – 2ª geração).

Dessa maneira, no movimento de construção do bairro, são estabelecidos espaços de vida (DI MÉO, 1994), em que se desenvolvem práticas cotidianas de relações entre as pessoas e seus lugares. Dentre esses espaços, podemos citar "*o quintal da Dona Cida e do Seu Antenor*"[11], como o lugar dos momentos de reza, e o lugar de construção da igreja, como um momento de "*lazer*", porque "*todos se reuniam*".

[11] Dona Cida e Seu Antenor são moradores muito antigos no bairro, são da primeira geração de moradores e a residência desse casal era conhecida (e ainda é) como espaço de experiência de vida social, comunitária e como espaço do "fazer" e do "encontro".

As pessoas se juntam para construir suas casas, para rezar, para cuidar do outro: "*A mulher tinha um filho, então, os vizinhos se revezavam e uma ia lá, lavava a roupa, outra passava*". Essa forma de construção coletiva torna-se, ao longo do tempo, uma das marcas do bairro e também da região de Capão Redondo, pois se manifesta como uma necessidade do estabelecimento de estratégias de sobrevivência e de superação da falta de estrutura urbana, se consolidando em uma *práxis*.

Assim, observa-se um *fazer* e um *agir* que remete a uma prática social que se direciona, a partir deste contexto social, em uma *práxis* que, para VÁZQUEZ (1977, p. 202) é "[...] uma atividade prática material, adequada a finalidade que transforma o mundo – natural e humano".

Para Karsz (2007, p. 46) "não existe um olhar neutro e despretensioso sobre uma realidade", assim uma ação no território, que se traduz em atividade, compreende-se "um conjunto de atos em virtude do qual um sujeito ativo (agente) modifica uma determinada matéria-prima." (VÁZQUEZ, 1977, p. 186). O contexto social influencia as intenções que norteiam a ação ou a atividade, como também as características daquilo que se apresenta para ser transformado.

O olhar das pessoas para o bairro e para suas relações cotidianas vão estabelecendo uma prática social, que, segundo Rodrigues (2003), é ação, atividade direcionada a certa realidade; sua análise demonstra características, significados, direções e dinâmicas e a intencionalidade intrínseca expressa nos valores morais, éticos e políticos subjacentes ao agente, que é aquele que age sobre a matéria.

> Tratando-se de uma matéria, esta pode ser caracterizada com alguma objetividade. É possível saber quais são os problemas com os quais a intervenção social se confronta, enumerar seus riscos, sua lógica, seus desafios: e é possível saber e não meramente opinar, limitar-se a um ponto de vista ou uma impressão. (KARSZ, 2007, p. 43).

Assim, identificamos que a ação ou a atividade possui uma intenção norteada, tanto pelas influências do contexto social e pelas características daquilo que se apresenta para ser transformado, quanto pelo olhar do agente que definirá o objeto. Dessa forma, o bairro vai se constituindo num processo em que "o público o privado não são remetidos um de costas para o outro, como elementos exógenos, embora coexistentes; são muito mais, são sempre interdependentes um do outro, porque, no bairro, um não tem nenhuma significação sem o outro" (CERTEAU *et. al*., 2012, p. 43).

Um olhar de dentro para fora e de fora para dentro: algumas reflexões.

Um bairro periférico, ocupando a paisagem da zona sul da cidade de São Paulo e impulsionando o avanço das políticas sociais públicas no território, na perspectiva do mutirão, buscando alternativas para a ausência efetiva do Estado.

Um primeiro exercício vivenciado pelos moradores do bairro é a construção de espaços de educação.

> *Começou assim, sabe onde tem o salão ali... onde tem aquela casa laranja na avenida? Aquela casa enorme que tem do lado da igreja evangélica? [...] Ali, nos 70, tinha uma casa começada: quarto, cozinha e banheiro, só levantada com laje, sem acabamento, sem piso e lá começou a escola de emergência do Jardim Irene. [...] A escola de emergência começou lá, nesses dois cômodos, depois ela foi se ampliando, desceu para a igreja católica. Tinha sala na igreja e foi alugado salas na casa do Toninho, do Seu Artur. Ali também foi salas durante alguns anos, até a construção da escola de lata que eu não vou me lembrar que ano que foi.* (Moradora do bairro – 2ª geração).

> *Eu sei que lá no Toninho, com certeza, teve aulas da escola. O Joel estudou na igreja. Eu lembro que a gente passava na rua e eles estavam lá brincando de rodinha. Enfim, a escola começou, até a construção da escola de lata, a escola no Irene foi por aqui. Eu já estudava no Santo Eduardo, mas aí os mais novos já foram ficando por aqui*. (Moradora do bairro – 2ª geração).

Em busca de alternativas educacionais, os moradores se articulam para proporcionar locais de estudos para seus filhos e filhas, que até aquele momento precisavam se deslocar para os bairros vizinhos para estudar.

> *As primeiras escolas foram no Jardim Santo Eduardo e no Jardim Santa Emília e as crianças iam pra lá estudar. Atravessavam o córrego, iam aqui por dentro, entravam pelo meio da olaria, pra chegarem à escola e ainda chegavam atrasadas!* (Moradora do bairro – 1ª geração).

Ambos os bairros no município vizinho de Embu das Artes, também enfrentavam dificuldades.

> *Lá no Jardim Santo Eduardo era pura lama! Tinham feito as estradas e as máquina passaram, veio a chuva e nós andando... numa dificuldade pra chegar lá, menina! Aí, desistia!* (Moradora do bairro – 1ª geração).

Para Milton Santos (2014, p.33), "o espaço construído e a distribuição da população, não tem um papel neutro na vida e na evolução das formações econômicas e sociais"; dessa forma, observamos, nessas narrativas, uma dinâmica social de um caminhar que transcende os limites geográficos administrativos, e denuncia as precárias condições de mobilidade e acesso.

Sobre as precárias condições experimentadas pelos moradores do bairro, uma importante ação para que os moradores compreendessem o significado

das dificuldades vivenciadas no seu cotidiano, foi participar de núcleos de educação popular, articulado pelo movimento de mulheres de Campo Limpo. O depoimento de Neide Abati a Ana Gabriela Moreira, em sua pesquisa sobre "Protagonismo feminino e consciência política: uma análise do papel da Economia Solidária na ação política da União Popular de Mulheres de Campo Limpo e Adjacências" revela:

> À medida que a gente foi organizando a entidade (...) começou a pipocar nos bairros, nos núcleos, as pequenas lutas que lá tinham. Por exemplo, aqui precisava canalizar, no Lídia, o córrego... Antes disso precisava ter água potável, que aí só tinha... fazia poço só dava pedra. *Lá no Jd. Irene precisava de uma escola, que foi a escola de madeira que o povo carregou pra lá e construiu pra lá*. Lá no ... no Marisal foi feito um trabalho na comunidade por um mundo melhor, um negócio superbacana, até hoje as mulheres lá falam "ah, aquele trabalho que nunca vou me esquecer", lá tinha alfabetização naquele começo também. Ih, ó, Jd. Irene, Campo Limpo, esse posto que ... hoje é um AMA, no Campo Limpo, é uma reivindicação nossa pra ser uma casa de parto, que nunca foi. E que na gestão Erundina ela abriu as portas pra gente lutar por uma casa de parto, que nunca conseguimos... [...] (PUDENZI, 2013, p. 99, grifos nossos).

Nesse depoimento, há uma articulação local entre os bairros, assim o Jardim Irene se insere nesse circuito de luta popular por políticas públicas. Nos remete a dialogar com uma das "constelações de relações sociais" de Boaventura de Sousa Santos, o do espaço-tempo da cidadania, "constituída pelas relações sociais entre Estado e os cidadãos, e nele se gera uma forma de poder, de dominação, que estabelece a desigualdade entre cidadãos e Estado e entre grupos e interesses politicamente organizados" (SANTOS, 1997, p. 314).

Ao desenvolver como se dá esse espaço-tempo da cidadania, o autor nos apresenta um conceito de comunidade, que se relaciona diretamente com o conceito de cidadania, afirmando que hoje há uma re-emergência do princípio de comunidade.

> A nova cidadania tanto se constitui na obrigação política vertical entre os cidadãos e o Estado, como na obrigação política horizontal entre cidadãos. Com isto, revaloriza-se o princípio da comunidade e, com ele, a ideia da igualdade sem mesmice, a ideia de autonomia e a ideia de solidariedade. (SANTOS, 1997, p. 278).

Zygmunt Bauman (2003, p. 8) em seu livro *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual*', diz que "é fácil ver por que a palavra "comunidade" sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar?".

Na fala dos moradores do bairro Jardim Irene, suas narrativas vão demarcando um tempo em que o bairro vivia um "espaço-tempo da cidadania", que partia de um princípio de *ajuda mútua*, a partir do seguinte entendimento:

> *Porque um precisava do outro. Você entendeu?* (Morador do bairro - 1ª geração)

Assim, quando BAUMAN nos provoca com a sua indagação, nos remete a uma narrativa dos moradores de denúncia e preocupação, da perda, ao logo do tempo, dessa perspectiva da "vida em mutirão".

> *Eu acho que antes era uma coisa mais interiorana, todo mundo conhecia todo mundo. Nascia o filho da Cleusa, aí todo mundo vai lá visitar a Cleusa. Então, tinha um pouco essa proximidade maior que hoje não tem. E também não sei quais as influências, se isso é também da mudança da população ou isso é uma tendência do mundo de se ficar mais individualista. Não sei! As pessoas hoje saem pra trabalhar e voltam e nem vê o vizinho do lado. Há quanto tempo, a Dona Penha, aqui do lado, já faz dias, semanas, talvez, que eu não a vejo... então perdeu um pouco disso. Antes você saía na rua, encontrava esse... sabia tudo o que acontecia, em todo lugar. Hoje seja uma tendência mesmo do mundo e não só do bairro. Sei lá! A globalização... (risos) que chegou, quem sabe?* (Moradora do bairro - 2ª geração).

Há uma percepção e um entendimento de que há uma tendência de mudança das relações entre as pessoas, dialogando com as mudanças que ocorrem no mundo. E essa conexão de mudança é com o Mundo do Trabalho.

> *E aí me coloco um pouco nisso porquê... a globalização... é o que tem disponível para sobreviver. Então, você, hoje em dia, não tem muita escolha. Ah, eu vou trabalhar de segunda a sexta, vou ter um final de semana, ou pra ficar com a família ou pra ir na igreja, você não tem mais essa escolha! Então, a minha geração, esses que estão vindo, as opções de trabalho muitas vezes levam a isso, é um horário de trabalho muito agressivo, tem uma folga na semana, no mês. Parece que não, mas isso impacta. Impacta bastante, as pessoas já não têm mais esse tempo! E ainda, são poucos os que têm o benefício de ter um domingo em casa, isso falando de adultos, de jovens... parece que não, mas acho que isso impacta. Antigamente, era "um pouco mais simples" você conseguir um trabalho de segunda a sexta! Ou trabalhar 8 horas fixo, garantindo assim o seu dia! Até mesmo as pessoas que trabalhavam, as mulheres que trabalhavam como doméstica, então ia lá, cumpria ali meio dia ou ia algum dia ou outro, então tinha muito mais disponibilidade de tempo. E aí conseguia até um pouco mais de qualidade, nessa relação com o bairro mesmo, com as pessoas*. (Moradora do bairro – 3ª geração).

Dessa forma, vemos, nessas narrativas, uma percepção do que vêm ocorrendo na dimensão do espaço micro, o bairro, e sua conexão com a dimensão do espaço macro, a sociedade contemporânea, ou seja, os impactos das transformações nas relações de produção na vida cotidiana, como aponta ANTUNES (1988, p. 41-42):

> O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do *desemprego estrutural*, que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma *processualidade contraditória* que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho *precário* e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior *heterogeneização*, *fragmentação* e *complexificação* da classe trabalhadora. (grifos do original).

Todo esse processo de mudança impacta a vida local, em que se observa: "*... as pessoas já não têm mais esse tempo!"* Assim, voltando para a provocação de Bauman (2003, p. 9), suas reflexões sobre o que nos remete a palavra 'Comunidade', agora ele apresenta os desafios, mediante o nosso contexto atual:

> [...] Para nós em particular – que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer "sim", e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios – a palavra "comunidade" soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes.

Nessa perspectiva, quando olhamos para as narrativas sobre a história do bairro, percebemos um sentimento de falta, como assinala Zygmunt Bauman, do que foi vivido e se perdeu ao longo do tempo.

> *Hoje em dia, ninguém sabe o que está acontecendo na porta do outro ali, não tem essa, perdeu-se muito isso, as pessoas vão ficando cada vez mais individualistas. Tem muitas questões também, difícil também fazer uma crítica em cima disso, a gente faz uma constatação, não é uma crítica, porque mudou muita coisa! As pessoas mudaram, as famílias...* (Moradora do bairro – 2ª geração).

Mas, também, temos um reconhecimento das marcas que ficaram no cotidiano da vida do bairro.

> *[...] a convivência daquele povo que conviviam desde os tempos remotos, eles continuam a amizade, a dedicação de se gostar, de estar perto um do outro, embora o tempo seja muito corrido. A dona Bernadete, a Cida do Seu Odilom, elas gostam dessa amizade! Ainda tem isso - "Olha, fulano está precisando de alguma coisa" - Aí se junta pra ajudar, a solidariedade entre os antigos ainda continua.* (Moradora do bairro – 2ª geração).

Nessa fala, expressa-se um exercício de convivência que exige "*a dedicação de se gostar, de estar perto um do outro*", na contramão de uma sociedade pautada em valores de mercado, que, como diz Sennett (1999, p. 363) "as tentativas para criar comunidade em cidades são tentativas para se transformar valores psicológicos em relações sociais".

Observa-se, então, que as relações pessoais entre os moradores do bairro Jardim Irene possuem um capital acumulado que ainda reside no trato, na conversa, nas memórias e nas atitudes do dia a dia, impulsionando um agir local.

Como aponta Milton Santos,

> Para agir, os homens não saem do mundo, mas, ao contrário, é dele que retiram as possibilidades, a serem realizadas nos lugares. Nestes, eventos simples são amalgamados, formando situações. Por isso, mediante sua realização concreta, os eventos são localmente solidários. As diversas situações são resultantes do acontecer solidário. É assim que a integração entre o universal e o individual ganha um novo conteúdo histórico em nosso mundo atual. (SANTOS, 1997, p. 130).

Assim, percebemos que a vida em mutirão possibilitou um aprendizado, nesse processo de relação entre universal e o individual, proporcionando um processo de construção coletiva de identificação do significado do que é viver neste lugar, um exercício de participação social e de uma ética da convivência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOFF, Leonardo. **Quarenta anos da teologia da libertação**. Disponível em: https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/. Acesso em: 30 maio 2019.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. *In*: **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRIGGS Asa. The sense of place. *In*: **The collected essays of asa briggs**. Great Britain, The Harverster Press, 1985.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CROWE, Jaime; MARIA, Léa, SIMÕES, Celina; TAVANTI, Roberth. **Fórum em Defesa da Vida**: 20 anos de resistência pela vida dos/as jovens que vivem nas periferias da zona sul de São Paulo. Estação de Pesquisa Urbana M'Boi – série documentos de trabalho, CEAPG/FGV, 2016.

DI MÉO, Guy. **Les teritoires du quotidien**. Paris: L'Harmattan, 1996.

DI MÉO, Guy. **Géographie sociale et territoires**. Paris: Natha, 1998.

ENNE, Ana Lúcia: NERCOLINI, Marildo J. Narrativas de memória e territórios inventados: a configuração das identidades e dos lugares como processos culturais. **Revista Mídia e Cotidiano**, n. 8, Rio de Janeiro, 2016.

HAESBAERT; LIMONAD. O território em tempos de globalização. **Revista Etc.** n. 2 (4), v. 1, ago. 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre: s. ed., 2004. Disponível em: www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/ documentos/CONFERENCE_Rogerio_HAESBAERT.pdf. Acesso em: 2 mar. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura. **Revista & Realidade**, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IGLESIAS, Gabriela *et al*. **Zona sul de São Paulo a partir da história da União Popular de Mulheres**. **In**: **Redes periféricas**: juventude, mulheres e arranjos culturais. Org.: União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências (UPM), Gabriela Iglesias e Rafael Mesquita. Editor: Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP-USP). São Paulo, 2016, p. 15-70.

KARSZ, Saül. **Problematizar el Trabajo social** (2004). Definicion, figuras, clínica. Gedisa Editorial, Barcelona (Espanha). Tradução: Irene Agoff e Saül Karsz. Título original: Pourquoi le travail social? Définition, figures, clinique. Dunod, Paris, 2007.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **História oral**: exercício democrático da palavra. São Paulo: PUC-SP, 2014.MELUCCI, Aberto. Um objeto para os movimentos sociais. **Lua Nova**, Revista de Cultura e Política, São Paulo, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, n. 17, 1989.

MONTEIRO, Paula. Identidade e fluidez na sociedade moderna. **Folha de S. Paulo**, 3 jul. 1994.

PASSETTI, Edson; FREIRE, Paulo. **O método *dialógico***. *In*: **Conversação libertária com Paulo Freire**. São Paulo: Imaginário, jan. 1, 1998.

PERANI, Cláudio. Comunidades eclesiais de base e movimento popular. **Cadernos do CEAS**: Revista crítica de humanidades. Salvador, jan./jun. 2009, n. 233, p. 61-73.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *In*; **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PUDENZI, Ana Gabriela Moreira. **Protagonismo feminino e consciência política:** uma análise do papel da economia solidária na ação política da União Popular de Mulheres de Campo Limpo e Adjacências. Dissertação, 2015. (Mestrado em Ciências)- Programa de pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1994.

RODRIGUES, Maria Lúcia. **Ações e interlocuções**: estudo sobre a prática profissional do assistente social, 2. ed. corr., São Paulo, Série Núcleos de Pesquisa, Veras Editora, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**. São Paulo, Cortez, 1997.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed., 3. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. 176 p.; 21 cm. Coleção Milton Santos; 7.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Trad. Luiz Fernando Cardoso, 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 454 p., 1977.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro.

Site consultado:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/MAPA_SUL1a.png